

UM ROMANCE HISTÓRICO NARRA A ÉPICA DE CEARENSES NA CONQUISTA DO ACRE

Sempre que me vejo na circunstância de ter que examinar uma tese, um livro qualquer, um romance, etc., acode-me ao espírito a idéia de que é mais fácil implodir em duas horas um edifício que

levou dois anos a ser construído. Aí, me ponho a imaginar quanto de emoção, quanto de experiência, quanto de tempo roubado ao merecido repouso for necessário investir para produzir a obra. E quando se trata de um livro como este *A Conquista do Acre*, de Raymundo Pimentel Gomes, há sempre necessariamente muito de biográfico e investimento afetivo na sua feitura. Eis por que Max Weber, em sua célebre *A Ciência como Vocação*, asseverava com sua larga autoridade que «nada que o homem não possa fazer com paixão tem sentido para ele». E vejam que ele falava de ciência, supostamente feita com fria objetividade.

Não tive a alegria de conhecer pessoalmente Pimentel Gomes (1900-1975) e menos ainda a sua obra. Portanto, desconheço a razão por que este livro me foi apresentado, salvo pela confiança de que eu escreveria algo a seu respeito. Até nem sinto clareza na razão por que também aceitei tal suposição. Talvez, meu espírito rebelde e crítico, como convém a quem lida com as coisas da inteligência, do saber e da arte, mordeu-me inoculando o germe do desafio. Assim, durante dois dias mergulhei na tarefa de ler a obra, com esse intento por rumo.

Gostaria de iniciar, porém, dando minha posição sobre o autor. Dos depoimentos que pude recolher no curto espaço de tempo que pude dedicar a essa tarefa, o que mais me impressionou em Pimentel Gomes foi sua imensa capacidade de multiplicar os papéis desempenhados ao longo de uma vida fértil e dedicada a transformar em ações concretas para o seu País e seu povo o saber que acumulou em

De: RAYMUNDO PIMENTEL GOMES

A conquista do Acre, 2ª edição, de Raymundo Pimentel Gomes
Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.

Por: EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES

Professor Emérito da UFC - Professor Titular da UECE.

seus estudos e observações. E posso imaginar sem esforço os sacrifícios pessoais e existenciais a que foi compelido pelos inúmeros cargos e encargos, que o levaram a uma vida itinerante e ativa por vá-

rias regiões como Ceará, São Paulo, Paraíba, Acre, Rio de Janeiro – sem jamais esquecer suas origens sobralenses, onde iniciou sua missão –, espargindo a riqueza de seus conhecimentos numa impressionadora quantidade de escritos, em jornais, revistas e livros, inclusive no exterior.

Todavia, ignoro as condições em que a presente obra foi escrita. Ela me foi entregue como tal e eu me vi na situação de buscar decifrar os seus significados. Tratar-se-ia efetivamente de um romance histórico, conforme afirma a nota final do *Curriculum Vitae* de Pimentel Gomes que complementa a obra? A ficha catalográfica no verso da folha de rosto o classifica equivocadamente como biografia.

Na verdade, contudo, é uma narrativa bem sucedida, em que a *ficção* e a *matéria corrente* no processo histórico aí focalizado se misturam de um modo relativamente harmonioso. A rigor, cabem dúvidas sobre sua classificação. Mas isso tem ocorrido também com algumas das maiores obras de nossa literatura, cujo exemplo mais relevante se acha em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, o qual, conforme o ângulo em que seja examinado, poderá ser visto como uma tese de doutorado, como um ensaio científico, como um romance histórico ou como epopéia. Deixemos de lado essa discussão mais acadêmica e entremos no conteúdo da obra.

O livro, que seja visto como romance ou não, constitui inequivocamente uma criação ficcional que nos faz percorrer os acontecimentos históricos relacionados com a chamada *Guerra do Acre*, ações guerreiras ou revolucionárias que culminaram com

a anexação daquele imenso território ao conjunto de nossa Nação.

Os historiadores preferem chamar esse acontecimento como *A Questão do Acre*, numa perspectiva mais extensa que o momento encarado neste livro. Com efeito, para definir a fronteira entre as possessões espanholas e o Brasil naquela região, foram assinados os tratados de Madrid (1750) e Santo Ildefonso (1777), que acabaram sendo alterados pelo tratado de Aycucho (1867) entre o Brasil e a Bolívia, seguindo novo traçado. Tal região, antes praticamente despovoada, começou a atrair, em fins do século XIX, muitos migrantes brasileiros, em especial nordestinos, aos imensos seringais amazônicos. Em face disso, a Bolívia tratou de assegurar sua soberania, enviando ao local destacamentos militares. Tais forças foram atacadas pelos seringueiros brasileiros que, após várias escaramuças, proclamaram a independência do Acre, em 1899, extinta logo depois por intervenção do governo brasileiro. Com posse legal, mas sem controle do território, a Bolívia arrendou-o a uma corporação anglo-americana, o Bolivian Syndicate. Essa decisão foi repelida pelos seringueiros, que, sob a liderança de Plácido de Castro, desencadearam novas lutas, terminando pela derrota das forças bolivianas e a proclamação do Estado Independente do Acre (1903), efetivamente anexado ao Brasil pelo Tratado de Petrópolis de 1903, sob a liderança do Barão do Rio Branco.

Embora o livro de Pimentel Gomes se constitua numa narrativa que flui agradavelmente, sem maiores exigências feitas ao leitor, certo preciosismo verbal e alguns torneios de frase mais sofisticados fazem supor a freqüentação dos clássicos pelo Autor, decerto grande leitor, assim como é possível identificar a inspiração que bebeu na obra de Euclides da Cunha, outro apaixonado da Amazônia, que ambos conheceram pessoalmente e de modo aprofundado.

Desde logo, percebemos que o autor emprega o artifício literário de instituir um narrador em discurso direto, criando uma personagem nascida na Serra da Meruoca e que, convidado a partir para a aventura dos seringais amazônicos, enuncia na

primeira pessoa os acontecimentos que desdobram a trama da história.

Entretanto, com bastante freqüência, o autor esquece esse dispositivo literário e desliza para o discurso indireto, em que as digressões culturais, as reflexões quase didáticas e pormenorizadas de aspectos das cidades, da natureza, etc., revelam o professor e pesquisador por baixo da pele do ficcionista. Efetivamente, surpreendemos um tom explicativo que percorre toda a narrativa e onde o autor não consegue se ocultar. Ou ainda, ao criar circunstâncias pouco verossímeis, quando o simples sertanejo da Meruoca, descrito no início da obra, no decorrer da viagem, ao passar por Belém, faz descrições precisas de coisas existentes aí e das quais não tinha conhecimento, ou se interessa por visitar o Museu Goeldi de História Natural. Estranho matuto!

Insisto no fato. A toda hora, sobretudo nas descrições da paisagem amazônica que sendo descoberta no longo percurso rio acima, o autor se trai na fala do narrador e personagem central – Guilherme Aroeira. É interessante assinalar que nesses deslizos o leitor surpreende os méritos do intelectual de valor que havia em Pimentel Gomes, ao mesmo tempo que isso revela alguma falha do ficcionista. E uma dessas falhas reside na riqueza do léxico que o escritor põe na fala do narrador, dificilmente capaz de tal proeza. Enfim, além dos fatos apontados, a precisão das referências e informes geográficos e outros, mais uma vez desvelam o estudioso, que tudo anotava, escondido na pele de sua personagem.

Por vezes, porém, o didatismo explicativo reduz o encanto e a vivacidade da narrativa. Por outro lado, o autor atinge, noutros momentos da narrativa, páginas de uma beleza extraordinária. Sua ousadia em se aventurar em terreno tão difícil e a generosa iniciativa dos que decidiram reeditar essa obra densa e bem articulada só merecem o reconhecimento dos leitores.